

497-41

1859

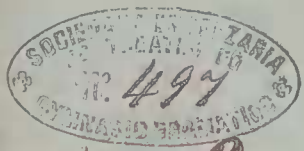
1859

1859

Pod. representat. se. das p. deo. Am. de
dos Theatros em 24 de Março de 1859.

1859

1859



vol 42

Amor.....

com Amor
se paga

Proverbio.

Instituto Técnico de Lisboa

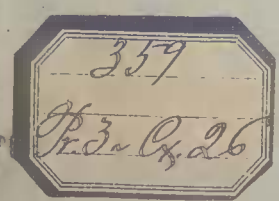
1. Acto

por.

A. R. L.

Original. Escola Superior de Teatro e Cinema

1859



1859

Amor.... com Amor
se paga

Proverbio

em
1 Acto.

por
A. L. R. L.

Personagens.

Alberto Santos — — 20 annos.

Thomé Santos — — 38 "

D. Emilia — — 28 "

D. Eduarda — — 20 "

A accção passa-se em Lisboa, actualidade.

O Theatro representa uma sala, quando se levanta o
pano. Thomé está ao meio da scena com a mão no
Coração um momento depois começa.

Scena 1^a

Thomé só.

Que ideia tam diabolica que fez meu irmão
em se casar!... É uma ladroeira!... (apalpando
o coração) Uma, duas, três.... man!... cá estão
ellas comigo.... Estas palpitacoes hão-de ser
a minha morte! (tomando a vér) É modo que
está mais socegado.... No meu irmão é um tratam-
te,.... não, coitado, é um pedaco d'asno.... mas é
duro.... depois de tantas promessas.... de tantas
juras.... Ainda se eu quebrasse o ajuste, eu, que
tanto gosto do bello sexo!... (apalpando o peito) Uma,
duas, três!... É a minha morte, não venho a mor-
rer d'outra coiza. Jurámos, que nos não havia-
mos de casar, que havíamos de pregar esta pe-
ca ás lindas e feias damas d'este val de la-

grimas. X Eu cá foi com seu custo que fiz a
jura, mas elle? - elle foi outra coisa, foi elle
quem teve a ideia, quem me obrigou quiz...
e é elle justamente o perjuro!... maroto!... (apal-
pando-se) Uma, ... duas... três... quatro... cinco...
agora foram cinco... estou bonito, estou... bazon
hontem, hontem, e eu... eu vou abandonar a
caza, o tecto que me viu nascer e... (apalpan-
do-se) Uma... duas... três... quatro... agora fo-
ram só quatro... mas o interallo ás outras fo-
rmas mais curto... Não posso continuar a sêr testy-
muncha do perjuro de meu irmão!... (apal-
pando-se) Uma... foi só uma... é uma morte
lenta, ... não tem que vê. X Vou dar ordem á
minha partida... (vai a sair) de Lisboa

Scena 2.
Thomé, e D. Eduarda.
D. Eduarda.

Bom dia priminho!

Thomé

(à parte) Priminho! (alto) Bom dia priminha!

(à parte) É linda é!...

D. Eduarda.

Sabe, que estou zangada?

Thomé

Não, naturalmente é por estar ainda solteira!...

D. Eduarda.

É justamente o contrario

Thomé

Eu?... já está casada! (apalpando-se) Uma...

D. Eduarda.

Tem alguma coisa?

Thomé

Não é nada, - foram só três...

D. Eduarda

Três que?

Thomé

E cá uma coisa.... Estará cazada?

D. Eduarda.

Felizmente, não.... digo felicemente, por que jurei...

Thomé,

O que? (à parte) É curioso se....

D. Eduarda.

Não me cazar....

Thomé,

Esso são lá juras que se fazem!...

D. Eduarda.

Tinhamos jurado ambas não nos cazaríamos, mi-
lha honra, essa....

Thomé

Essa já cabiu nos doces laços do matrimonio..

D. Eduarda.

Mas eu, é que não seguirei o seu exemplo.

Thomé,

Pode ser que faça bem, mas ainda me não dis-
se por que estava zangada?

D. Eduarda.

É verdade que não.... é o motivo mais justo mais..
Ora imagine, o primo, que ainda não estou em
Lisboa ha oito dias, e já um janota teve o ar-
rojo... de me escrever....

Thomé

Que me diz? (apalpando-se) Uma.... duas.... três....

D. Eduarda.

Uma.... duas.... três o que?

Thomé,

E cá uma coisa.... E leu a carta?

D. Eduarda.

Por que não, podia ser algum negocio.... lembra-
va-me lá que fosse uma carta amorosa?

Thomé

É verdade é.... e eutão....?

D. Eduarda

As palavras da Tarifa - amo-a - adoro-a - morro por Vós. - é um anjo que me appareceu - sem Vós não pode haver para mim felicidade perfeita neste mundo &c. &c.

Thomé

Ah! são as palavras da Tarifa?!...

D. Eduarda.

Gracias aos muitos romances que li na Provincia, estou ao facto de todo o phrasedado amoroço, sabendo ainda melhor, o que se segue quando damos a nossa mão a esses entes que de escravos submissos, se tornam senhores ativos.

Thomé

Mas nem todos os homens se tornam em ferozes senhores de suas mulheres... eu por exemplo... (apalpando-se) Uma... duas... três...

D. Eduarda.

Sente alguma coisa?

Thomé.

(Com a mão no Coração) Abrito minha Senhora muito, e só a covinha...

D. Eduarda.

(à parte) É uma declaração!

Thomé.

(à parte) Quanto mais olho para ella, mais linda a acho (alto) Já passou graças a Deus!

D. Eduarda.

(à parte) Que inconsequencia (alto) Não acha que tenho razão?

Thomé.

Eu sei! - ás vezes assim succede, como a primeira diz... ha casos porém, e são em maior numero do que se pensa, em que as mulheres são felizes com seus maridos... comigo por exemplo... (apalpando-se) Uma... duas... três... qua-

tro... cinco... seis... seis é a primeira vez!
D. Eduarda.

Está de certo encomendado!

Thomé

Já passou priminho... é cá uma coisa...
D. Eduarda

bom ia-mos dizendo, não sou eu, que hei-de
faltar aos meus juramentos... é coisa resolvi-
da.

Thomé

É coisa resolvida? — Espero que não (apalpando-
se) Ah! pobre coração

D. Eduarda.

Tem alguma coisa no coração?

Thomé

Se tenho prima, se tenho...

D. Eduarda.

(com modo secco) Está bom, eu não sou medico.

Thomé

Isto só a cova... Já hoje viu sua Bruna?

D. Eduarda.

Deixei-a no meu quarto...

Thomé

Escrevendo talvez ás suas amigas...

D. Eduarda.

Acabando de se vestir... acordou mais tarde
do que o costume, porque estivemos conversan-
do toda a noite.

Thomé

Ein? isso é eugano!

D. Eduarda.

(com ingenuidade) Eugano! o que?

Thomé

(à parte) Esta! — Meu irmão é tolo!... (alto)
Não estranhou então a mudança de es-
ta do?

D. Eduarda.

Que mudança?

Thomé.

(à parte) Ah a minha vida! (alto) Umas me-
suras tão lindas como as primeiras de certo Fe-
rão passou toda a noite a recordar roman-
ces?

D. Eduarda.

Eugenia-se, estivemos dando graças a Deus
pelo protector que nos evitou na desgraça,
e de repente em que ficamos.

Thomé.

Peco perdão se offendi a minha linda pri-
ma. (apalpando-se) E não!... (à parte) Vou de-
ter uma explicação com meu irmão, ver ei-
s que elle me diz, e então... (alto) De manei-
ra que ainda hoje não viram Alberto?

D. Eduarda.

Ainda não!... Vou ver se Emilia já está prom-
ta (vai)

Thomé.

E que me dizem a esta? — Para que diacho-
cizou Alberto? — bom a fortuna se Emilia
fosse feia, mas linda como é!...

Scena 3^a

Thomé e Alberto.

Thomé.

Ainda bem que appareces.

Alberto.

Estás mal comigo?

Thomé.

Pode ser que sim, pode ser que não, isso é con-
for-me o que de certo vais dizer-me....

Alberto.

Quantos annos temos.

Thomé.

Thomé

Essa pergunta!

Thomé.

Alberto.

Mei-de fazer quarenta, e tu tens trinta e oito, estamos na força da idade,...

Thomé.

Tu, sim... eu Alberto tenho aqui... (apalpando-se) Uma... duas...

Alberto.

Não sejas tolo, isso é imaginação... é nervoso...

Thomé.

Justamente a peor molestia, porque os médicos quando não conhecem a enfermidade dos Doentes chamam-lhe nervoso, — donde se segue que nervoso é toda e qualquer molestia que ainda não é do domínio da medicina: — isto é logico... Em breve ficas sem irmão.

Alberto.

Se continuas com essas lamentações, então adeus.

Thomé.

Ainda cá, falla para ali,...

Alberto.

Sabes então que Emilia e Eduarda ficaram orphans, e com poucos meios,...

Thomé.

Diz antes sem nenhum.

Alberto.

Seja. — Mandei-as buscar para nossa casa porque eramos os seus parentes mais chegados.

Thomé.

Nó que fizes-te muito bem.

Alberto.

Perfeitamente. — Agora mette a mão na consciência e diz-me com franqueza; o que diria o mundo de dois homens solteiros que tinham em sua casa duas meninas novas e lindas?

Thomé

(apalpando-se) Uma.... duas.... três..... Teus razões... e depois?

Alberto.

E depois?... Perguntas-me e depois?... Pois era justo que a troço do pão e do azido que lhe offereciamos, a sua honra, a honra das filhas de nossa tia soffress, a mais pequena suspeita?

Thomé

Decerto que não.

Instituto Politécnico de Lisboa

Alberto,

bustou-me, custou-me, deveras a dar este passo, mas não lhe vi outro remedio. — Fallei a Emilia convencida a ter-me, não amor conjugal, mas a consagrar-me a sua existencia como uma filha a seu Paê; eu pelo meu lado, jurei ter-lhe toda a affeição de um Paê.

Thomé.

E... casaram... Agora ouve.. se me tens fallado nisso ha mais tempo, eu fazia esse sacrificio por ti, sem ser preciso representar de Papa (apalpando-se) Uma... duas... três....

Alberto.

E as palpitacoes?...

Thomé.

Teus razões, — isto ha-de ser a minha morte...

Alberto.

Dixa-te de asseiras. — Lutas que te parece? Ainda estás zangado comigo?

Thomé.

Podias-me ter dito isso, logo que te veio á cabeça,

Alberto.

Recei.....

Thomé.

Receas-tu o que? não sejas tolo....

Alberto.

Aprovas então?

Thomé.

Tanto mais que eu... sim... esta Eduarda....
(apalpando-se) Ah!... ah!...

Alberto.

Nota que as palpitacoes augmentam quando
fallas d'ella?

Thomé.

Orá!

Alberto.

Queres ver que estás apaixonado??

Thomé.

Eu! isso é graça! não digo que não gosto d'
ella... mas já não....

Alberto.

Ficava então o negocio completo e... biza com
Eduarda.

Thomé.

Pois querias?

Alberto.

Porque não, ella é linda, tu estás bem dispos-
to....

Thomé.

(Vendo-se a um espelho) Sim, eu ainda não peço
reforma e... ~~vamos~~ ^{vamos} andando - ha outros mais
novos peiores....

Alberto.

E as palpitacoes!

Thomé.

Pior é essa!... (apalpando-se) cá estão... cá estão
mas tu não sabes uma coisa.... vais ficar admi-
rado,.... admiradissimo.

Alberto.

Sim?

Thomé.

Ora supõe que as mesmas promessas, as mesmas juras que fizemos....

Alberto.

Fizeram ellas?

Thomé.

Tal e qual.... tu o disseste. — Agora mesmo Eduarda m'o disse, aqui. (apalpando-se) Uma... duas.... três....

Alberto.

E o senhor meu irmão, pode dizer-me o que suscitou essa franqueza? — Vamos não se fazer corado....

Thomé.

Faço-me corado?... É pior cauza das palpitacoes,

Alberto.

Ah! sim!

Thomé.

Olha que é; — estas palpitacoes hão-de metter-me. — Eduarda estava zangada porque um jaqueta lhe escreveu uma carta.

Alberto.

Uma carta, como entrario, cá a tal missiva?

Thomé.

Não sei, o caso é que ella estava como uma bicha... uma bicha encantadora, palavras de honra!

Alberto.

Mas como entrario?...

Thomé.

Dá-te que fazer a tal carta; e pelas portas da Cidade não entra tanta coisa suspeita? que admiracao é entrar uma carta cá em casa, que não tem um exercito de guardas-barreiras?

[Handwritten signature]

Alberto,

E' o mesmo... hei-de saber....

Thomé,

(Encarando Alberto) Serás cizo?

Alberto,

Cizo! - eu?

Thomé,

E' que ficas-te esquisito....

Alberto,

Eugemastz

Thomé,

Não sejas tolo! - Cuntas hojs não se aliuoca?
Veia-mos ir vêr o que estão fazendo estes
creados. (Sai)

Scena 2^a

Alberto só.

Nunca pensei que fôsse capaz de amar, e con-
tudo, sinto que amo minha mulher... é uma
posição unica! - Um homem cizado com
uma mulher a quem adora, e que se não
atreve nem sequer a patentear-o por gestos.
... Passei uma noite terrivel... E ella?... natu-
ralmente nem pensou no homem a quem a-
cabava de ligar o seu destino! - Ainda se
não pensasse em outro?... Sou cizo, sou... mu-
to cizo.... Meu m'ô dizia o Coração, quando
protestava morrer solteiro, agora começa o
meu martyrio... perdi o socego e... mas a
consciencia diz-me que fiz bem... resta-me
essa consolacão... mas que fraca consolacão!..

Scena 3^a

Alberto, D. Emilia, D. Eduarda.

D. Eduarda.

Aqui estamos querido primo e beuhado.

Alberto,

(beijando a mão a D. Emilia) Espero que minha pri-

ma não terá passado mal, e que estará
pronta a tomar conta do governo da sua ca-
za.

2 D. Emilia.

(à parte) Minha prima! (alto) Meu marido
manda, e eu obedeço.

D. Eduarda.

(à parte) Tola!

Alberto.

Éo contrario, sou eu quem me darei por feliz
cumprindo com muito prazer tudo o que a
prima ordenar....

D. Eduarda.

Olhe, primo, se ella não aproveita, aprovei-
to eu, e começo por lhe pedir que nos mande
servir o almoço, não é verdade, Emilia que é
bem pensada?

D. Emilia.

(distrahida) Sim, o que quizeres.

Alberto.

(à parte) Nem para mim olha.... (alto) É
você diante apressar o almoço, é um instan-
te. (sai)

2 scena 6^a

D. Emilia, D. Eduarda.

D. Emilia.

É só um pai! (à parte)

D. Eduarda

Sabes o que te digo?

D. Emilia.

Não

D. Eduarda.

É que os não entendendo, com esses, primos lá,
primos cá.... fizeram a asneira de cazar,
pois bem tratem de passar a vida o melhor
que puderem. — Eu, se me casasse, do que

o bem me defende, não estava, ~~com~~ ^{com} as chaves, tomava conta de tudo e...

D. Emilia.

Isso é bom de dizer.... não te lembras que somos pobres?

D. Eduarda.

Pobres!... Uma mulher que não é feia, sempre acha marido, e quando não quer casar, tem as suas prendas, ia ensinar o Francez, o Piano, eu te mostraria que não era pobre.

D. Emilia;

Querido João, sem se vê que não conheces o mundo: - e a tua reputação?

D. Eduarda.

A minha reputação!

D. Emilia.

Sim, João, uma mulher não pode ser ~~tão~~ ^{livre} ~~pequena~~ impunemente; - toma o meu conselho vê se achas marido....

D. Eduarda.

Nunca!

D. Emilia.

Deixa essas ideias romanescas, muito bonitas em theoria, mas impossiveis na pratica, caza....

D. Eduarda.

Quem te souber, diria que és felicissimas....

D. Emilia.

E não o sou?

D. Eduarda.

Necio bem, que não.

D. Emilia.

Enganas-te, sou feliz....

D. Eduarda

Mentes....

D. Emilia.

Não miúdo, fallo-te a verdade.... Amo meu marido....

D. Eduarda.

Como a um Pai... (um momento de silencio)

D. Emilia.

Ainda uma vez te enganaras, amo-o ~~como~~ ^{como} se vo amar, e se sou desgracada....

D. Eduarda.

Ah! confessas!...

D. Emilia.

Não me interrompas.... Se sou desgracada, é porque meu marido entende que só me deve amar como a uma filha....

D. Eduarda.

Por outra, não te amo. Já vês que estás em contradicção.

D. Emilia.

É nessas contradicções, que passamos a vida sem, amo meu marido, e estou certa que a hereditaria que só a gratidão e não o amor m'o fazio procurar, é o motivo porque me não atrevo a dizer-lhe tudo quanto sinto.

D. Eduarda

Pobre Inuana!

D. Emilia.

Sim, porém, podes ser mais feliz, escolher a tua vontade, e...

D. Eduarda.

Não fallemos em mim, é de ti que é preciso cuidar.

D. Emilia.

Como?

D. Eduarda.

O meio não o conheço por ora, mas tanto haemos de pensar que por fim... deixei isso a minha conta....

8.
Luis

D. Emilia.

De certo não fazes nada - meu marido julgaria que só a gratidão...

D. Eduarda.

O que é preciso é sabermos se és amada...

D. Emilia.

Não sei como.

D. Eduarda.

Deixa-me cá a mim... eu estou a sangrar frio. em quanto que tu... tu tens a cabeça perdida.

D. Emilia.

Que ideia!

D. Eduarda.

É a verdade...

Acto II

As mesmas e Thomé.

Thomé.

(Com a mão no coração). Três... quatro... isto não pode continuar... Ah! estão aqui... já agora mesmo procuras-as... para lhes dizer... (apalpando-se) Ah!... foram só duas!

D. Eduarda

Tem alguma coisa?

D. Emilia.

Está enconchodado?

Thomé.

Já passou... já passou... viuhá cutão di-zer-lhes que está o almoço na mesa...

D. Eduarda.

Vamos lá rico Priminho!...

Thomé.

(à parte) Priminho!... (alto) Vamos! (vai para apparecer o braço às senhoras, para) Uma... duas... três... é insupportavel!

D. Emilia.

O que?

Thomé:

Nada, minha senhora, nada....

D. Eduarda

Então porque esperamos?

Thomé:

É verdade.... (vai para offerecer o braço a D. Eduarda, estaca)

D. Eduarda.

(à parte) será maluco!

Thomé:

É melhor irem sosinhas, eu já vou.

D. Emilia.

Mas sente alguma coisa?

D. Eduarda.

Está tão palido!

Thomé:

Estou palido?... forte admiração!...

D. Emilia.

Quer que chame alguém?

Thomé:

Não minha senhora, não.... não estou eu com modado.... é que me lembrou que tinha que escrever uma carta - andem.... vão....

D. Eduarda.

Vamos, mana, se o primo quizer alguma coisa toca a campainha.

Thomé:

Não tenho nada, mesmo nada.... (apalpando-se) Hi! -

D. Emilia.

(A D. Eduarda saindo) Fico com cuidado n'elle.

D. Eduarda.

Desconfio que tenha aduella de meus. (Saem as duas, Thomé fica um bocadinho callado; - consultando as palpitacoes.)

9
Cena 9.
Thomá só.

É a espada de Damocles!... é pior! mil vezes
pior! — A espada de Damocles era uma brincadeira
de creanças à vista deste soffrimento!
e de mais é fabula, e isto é real e realissimo!
o que pode haver de mais real! — É a morte
pendurada ante os olhos por um fio... com es-
tas coizas de coraçáo não se pode brincar...
Ora eu gosto de bom vinho, — pois não o beb-
ei ainda á três dias em casa do meu amigo
Joaquim Freire, dei-sei de beber uma pingada
de alvazia do superior... e a vontade foi boa,
mas nada de graças... E quer meu Thomá que
eu me case?!... (apalpando-se) Ui... cá estão as
bas... agora foram quatro... mas bem pincha-
das!... Não tem que ver... é a morte... Dizia
eu que D. Eduarda... Ui!... isto é demais, pen-
sando n'ella a modo que é pior! — Ella é
linda, e quem casasse com ella havia ser
feliz... muito feliz... Ui... Ui... agora foram
tantas... já me lembrou ir chusar um cho-
que á máquina.

Cena 9.
Thomá e Alberto.

Alberto.
O homem que diacho tens? — Com a tua ma-
nia das palpitacões meteste um medo ás se-
nhoras....

Thomá.
Deixa-me, deixa-me — que isto vai cada vez
a pior....

Alberto.
É tudo imaginação.

Thomá.
Ora vocês, que a tudo hão-de chamar imagi-

nação quanto os meus têm, e em tendo a mais
pequena dor, já é um bicho de setty cabeças.
Alberto.

Não te zangues....

Thomé.

Só o que vocês têm, é que são molestias agu-
das... e de se lhe tirar o chapéu.... e em cutão.
olha quando ainda agora ia offerecer o braço
a D. Eduarda zás... li... li... li... isto não se
pode....

Alberto.

Niz fallas-te em Eduarda....

Thomé.

Ella está com muito cuidado?

Alberto. Instituto de Lisboa

Alguem... alguem... interessas-te isso?

Thomé.

Isto é perguntar... se eu gosto d'ella, sim, - mas
não lhe tenho... (apalpando-se) cutão hein?...
Alberto.

Outra vez palpitacoes

Thomé.

E que palpitacoes!!!!

Alberto.

Fortissimas?

Thomé.

Muito fortes!... intoleraveis!...

Alberto.

Quando disseste que não amavas Eduarda....

Thomé.

É verdade.... olha que é verdade....

Alberto.

Cutão para que querias saber se ella estava
com cuidado?

Thomé.

Ora!... perguntava por perguntar....

[Handwritten signature]

Alberto.

(à parte) Vou experimentar-o (alto) como não queres casar com ella.... parea-se-me que me dissesse que não querias....

Thomé.

Disse, sim, porque eu quando juro uma coisa cumprio-a.... isto não é querer offender-te diste-me razões plausiveis, e concordo perfeitamente contigo....

Alberto.

Pois bem, nesse caso visto que não queres... Mauricio Rodrigues conhece-o Mauricio.... pois esse....

Thomé.

(com a mão no coração) Sim.... sim.... acaba....

Alberto.

Pedin-me, houteu que fallasse.... que sorrisse.... tu percebes....

Thomé.

Nôpa Prima?... (sentar-se commovido em uma cadeira)

Alberto.

Eu porei....

Thomé.

Tu....

Alberto.

Não queria fallar a Eduarda sem primeiro ouvir-te.... como não queres.... vou então ver se a convenco em favor de Mauricio....

Thomé.

(à parte, com a mão sobre o coração) Parece que salta fora.

Alberto.

(à parte) Não me enganai - ama-a.... e talvez assim ella quisesse.... (alto) Não achas que faço bem?

Thomé.

Acho.... que.... sim.... é um bom partido.... é rico....

Já lhe perdi a conta!...

Alberto.

Ao dinheiro de Mauricio?

Thomé.

Cacô-a.... Caco-a.... tu chorarás quando te vires só, sem Inúcio.... porque morrendo eu como ficas tu?... és cazado não és?... mas tua mulher, não é tua mulher.... é tua filha.... perces é tua filha.... e de empréstimo....

Alberto.

É justo que te vingues....

Thomé.

Que dizes?... (levantando-se) seria brincadeira?...

Alberto.

Era uma experiencia.... queria ver o que sentias.... queria ver se effectivamente não amavas Eduarda.... e agora....

Thomé.

(Muito alegre) E agora?...

Alberto.

Agora sei com certeza que a amas.... assim ella te correspondo.

Thomé.

(triste) É verdade,.... e eu que já pensava.... Uma Ouca.... três....

Alberto.

Mas tenho boas esperanças.

Thomé.

Tens?

Alberto.

Não sondar o terreno, mas tu tambem faze-lhe a côrte, queres que tudo te corra á medida dos teus desejos, sem trabalho algum! a gente trabalha

Thomé.

Ohia que eu se cazar, quero ser cazado....

Alfredo

Alberto.

Ainda.... dá outra pumhalada!...

Thomé.

Desculpa, que me não lembrava.

Alberto.

Vem almoçar, — e no entanto veremos.

Thomé.

(apalpando-se) Espera.... parece-me.... não foi nada....

Alberto.

Nã a imaginação....

Thomé.

É tu a dar-lhe! — Eu não invento.... quando sinto... sinto....

Alberto.

Isso agora ha-de ser o estomago.

Thomé.

Pode ser.... pode.... a modo que tenho vontade de almoçar — mas pelo sim, pelo não, hei-de comer pouco....

Alberto.

Agora de certo tens de almoçar só....

Thomé.

É pena.... mas estas palpitações (soram os dois).

Scena 10^a

D. Emilia e D. Eduarda.

1. D. Emilia.

Não, não acho conveniente....

2. D. Eduarda.

Não sejas tola.... Era para ti, por ventura?

D. Emilia.

Beu si.... mas....

D. Eduarda.

Mas, o que?

D. Emilia.

Não quero que meu marido tenha o mais pequeno motivo para desconfiar da minha lealdade....

D. Eduarda.

Repeto, é uma loucura.... a carta foi escrita a minha senhora solteira que a podia receber.... essa carta posta no teu cesto de costura.... sem patente... servenos para ver o effeito que tu faz, em me encarrego depois de explicar....

D. Emilia.

Não, não devo accetar esse meio

D. Eduarda.

Nesse caso vou ter com teu marido

D. Emilia.

Para que?

D. Eduarda.

Para lhe dizer que tu o amas.... e elle....

D. Emilia.

E elle?...

D. Eduarda.

(Com intenção) E elle... elle por comparação por ti; ha-de amar-te, é verdade que é por comparação, mas isso que tem?

D. Emilia.

Tem tudo, não é assim que quero ser amada...

D. Eduarda.

Nesse caso a carta....

D. Emilia.

E não pode ter consequencias fataes?...

D. Eduarda.

Se eu te digo que explico tudo. — Elle não deve tardar.... senta-te ali a bordar....

D. Emilia.

Mas...

D. Eduarda.

Senta-te. (D. Emilia sentase.) Bem... agora a carta aqui, meia aberta.... (põe a carta na mesinha ao lado.)

D. Emilia.

Bom é o unico meio....

D. Eduarda.

Não vejo outros....

D. Emilia.

E tu?...

D. Eduarda.

Eu?... eu vou-me embora....

D. Emilia.

Isso não, isso não.... de certo não terei coragem..

D. Eduarda.

(Meditando) Sempre foste muito acanhada?... Bem fico....

D. Emilia.

Ah! obrigada

D. Eduarda.

Estou certa que só, farias assueira.... lembra-te que d'esta entrevista depende o teu futuro... quando elle descobrir a carta, fuge-te confusa.

D. Emilia.

Não ha-de ser preciso fugir....

D. Eduarda.

Acredito-te - has-de querer escondet-a....

D. Emilia.

Se tiver animo para isso....

D. Eduarda.

Já vejo que foi muito melhor eu ficar... ah! pobre criança, estás mesmo tralhada para o estado.... medrosa, submissa.... havia de ser comigo... ah! reiva eterna aos homens, é a minha divija!

Scena II

As ditas, Thomaz - e logo depois - Alberto.

3 Thomé (ao fundo)

(que tem ouvido - à parte) É a sua devise!... (apartando-se) Uma!... duas.... três.... e a morte....

3 Alberto.

Que tens? (à meia voz a Thomé) (as duas irmãs conversão baixo bordando)

4 Thomé

Muitas palpitacões.... mas muitas....

Alberto.

(mesmo jogo) Isso é asneira!

Thomé.

Agora sei de que é!... sabes qual é a devise d'ella?... não sabes?...

Alberto.

Não.

Thomé.

Mãe eterna aos homens! Uma.... duas... três....

Alberto.

E v... Mas olha que tu es só um, e ella embirra com homens!

Thomé

Sim?... Vou dar uma volta.... tu fica para sondares....

Alberto.

Vai-te que eu me encarrogo....

Thomé.

Faze-lhes as diligencias.... (com a mão no coração saindo) Parece o galop de um cavallo (sai).

Scena II^a

Os mesmos, menos Thomé.

3 Alberto.

(descendo a scena - à parte) Em que estarão a fazer... estão tão entretidas.... (alto) Vinha perguntar-lhes se queriam ir de tarde dar passeio, terminando a noite em qualquer espectáculo.... justamente vai hoje em s. Carlos

Alfons

o Rigoleto é a primeira vez, que sobe a scena, depois que estão em Lisboa.... então não dizem nada?

D. Eduarda.

lá por mim acceto com muito gosto.... e Emilia.. Emilia tambem acceto.... não é verdade Emilia....

D. Emilia

Porque não.... é mais uma prova da amizade de nosso primo....

Alberto.

(à parte) só amizade! - (alto) Accetão estas.... (à parte - vendo a carta -) Uma carta!... (procurando ver o sobrescripto) De quem será?

D. Eduarda.

(beijo a D. Emilia) Já viu a carta!

D. Emilia

(Idem) Oh! meu Deus!

D. Eduarda.

(Idem) Animo! - Quando elle se aproximar.... finge-te surprehendida, e põe-lhe o bordado em cima....

Alberto.

Parce-me não ter sobrescripto.... É celebre!... se não é possível.... contudo (Chegando-se pouco a pouco)

D. Emilia

(beijo a D. Eduarda) Já é tempo?...

D. Eduarda.

(Idem) Espera.... agora!... (Emilia cessa de bordar e põe-no no cesto, escondendo a carta)

Alberto.

(desapontado - à parte -) Já jurar que o fez de proposito!... (alto) Cesson de bordar?... se as encomendas....

D. Emilia

Que ideia, primo! (beijo a Eduarda) Não lhe fez -

impressão!

Alberto.

Este bordado é lindo.... está já muito adiantado?
(querendo pegar-lhe)

D. Eduarda.

(Vivamente - levantando-se, e pondo-se de pérmcio) Olhe este.... ha-de dar o seu voto.... eu eligo quem este debucho é mais bonito.... seja imparcial.... esqueça-se por um momento quem é marido....

Alberto.

(à parte) Parece que estão combinadas... (alto) Vejamos este (pega rapidamente no bordado de D. Emilia)

D. Eduarda.

(pondo rapidamente o seu bordado no lugar do outro) —
Veja-o bem, e dirá depois....

Alberto.

(à parte) Estão combinadas!... (Com raiva concentrada) Mulheres! — mulheres! — (amarrotando o bordado)

D. Eduarda.

Ai — são todos assim mal feitosos.... (tirando-lhe o bordado) Olhem isto!... (põe-no no cesto e pega-lhe) Vou escrever para a provincia, venha Emilia escrever á nossa amiga Eugenia....

D. Emilia.

(Com voz fraca) Vamos (levanta-se)

Alberto.

(desesperado) Senhora!... (contendo-se) Perdão!...

D. Eduarda.

De que?... de lhe amarrotar o bordado?

Alberto.

(contendo-se, apenas) Justamente....

D. Emilia.

(à parte) Não me ama....

D. Eduarda.

(à parte) Está furioso!...

Alberto.

São mulheres, e basta!

D. Eduarda.

Então não, veus?

D. Emilia.

Quando quiseres... se meu marido não manda
o contrario....

Alberto.

(com frieza) Não posso prohibir as correspondencias
de ninguém, e muito menos as de V. Exa... quan-
do quiseres... (comprimenta-a - as duas senhoras sem)

Scena 7^{ta}

Alberto só.

(calado um momento) Mulheres... mulheres!... que
fui fazer?!... pensando que fazia uma boa ac-
ção, fui fazer a desgraça de toda a minha
vida! (excitado cada vez mais) Era uma carta
de amor... ia jurar-o... o modo como a queria
esconder, a sua perturbação... não há duvida
... e Eduarda... como ajudou sua irmã a es-
conder a prova do seu... crime... indesculpavel
sempre, e muito mais n'ella... n'ella
que me deve tudo... a quem arranquei das
garras da miseria! - Ninte e quatro horas
depois de casada! - É um sacrificio supe-
rior ás minhas forças! - Luz me importa-
va a mim a sua reputação, a de sua Ir-
mã?... Nalia ella a minha honra, o meu
reponzo? - É pior ainda! - Amo-a... com de-
gouta o digo, amo-a, e a ingrata....

Scena 8^{ta}

Alberto e Thome.

Thome.

(apressado) Então que ha de novo?

Alberto.

E' incrível!

Thomé

Não me ama?

Alberto.

E' uma vibora que aminha em meu seio!

Thomé.

Quê tens? - essa agitação!...

Alberto.

Destina teu irmão - que é bem desgraçado!

Thomé.

Tu? - em que?

Alberto.

Minha mulher... Eduarda... eu ondeco!...

Thomé.

Olha, que me assustas...

Alberto.

Não sei como t'o conty... Emilia... essa mulher a quem dei o meu nome... essa mulher sem fortuna... sem futuro... essa mulher casada á vinte e quatro horas... atraicoa-me... e Eduarda...

Thomé.

E Eduarda... acaba... (apalpando-se) agora é como nunca!...

Alberto.

Vi' uma carta, uma carta de amor, porque a esconderam de mim!...

Thomé.

Salvê não fosse, quem sabe?

Alberto.

Então porque a esconderam? - E Olha irmão, amo-a, e é essa a minha maior desgraça!

Thomé.

E' tambem a minha... (apalpando-se) Ainda não deison de bater!...

Alberto.

Alfonsina

Esquece-a.... foge-lhe....

Thomé!

(indo sentar-se, e contando os baques) Sim, vou fugir-lhe.... e sem cessar....

Alberto!

É ainda pior ^{ainda} talvez.... Ah! maldita a hora em que para aqui vimam!...

Thomé!

É um nunca acabar....

Alberto!

Ainda me parece um sonho!

Thomé!

Dize antes um pejadillo!

Alberto!

Acus, preciso de ar.... tenho a cabeça perdida (sai).

Scena 15^a

Thomé só.

Que pedrada!.... (apalpando-se) Cá estão.... cá estão as palpitacoes!... ainda dizem que é imaginação!... ~~Estão-lhe desepo e incommodo ao tempo menor emirigo.... Estou atordado! - A coisa é para atordar.... ás vinte e quatro horas!... é de se lhe tirar o chapéu! - É que me dizem ás duas sossinhas provincianas! - ~~isto são as ignorantes do mundo, e que farão as que tem os olhos abertos!~~ Ah! mulheres! - vos não me querereis, mas eu.... eu tambem vos não quero.... nem pintadas.... pois esta prima Eduarda.... (apalpando-se) Meu!... meu!... se não tivesse tanto medo dos medicos, mesmo dos meus amigos. (fica parado consultando o Coração)~~

Scena 16^a

Thomé e D. Eduarda.

D. Eduarda.

(desce a scena na ponta dos pés e vem bater no hombro de Thomé) Não está melhorzinho?

Thomé:

(sobresaltado) Sim, o que?... Minha Senhora!

D. Eduarda.

Não está melhorzinho?

Thomé:

(arresandando-se V'ella) (com dignidade) Melhor muito obrigado (apalpando-se - e à parte -) Cada v'ez peor.

D. Eduarda.

Não faz ideia de quanto estimo essa noticia....

Thomé:

(sempre longe) Obrigado!... (apalpando-se) Está com o freio nos dentes e nos Corações!

D. Eduarda.

Preciso do primo para um negocio, que touvi a feito....

Thomé:

Thomé:

Perdão, minha Senhora.... mas tenho que fazer.... (quer sair).

D. Eduarda.

Fazendo muito mau conceito dos homens como faço, não supunha que houvesse algum tão pouco delicado que recusasse servir uma Senhora.... mas os homens!... os homens!

Thomé:

As mulheres!... as mulheres!...

D. Eduarda.

Tem alguma coisa, que lhe dizer?

Thomé:

Fizeram-lhe algum mal os homens?

D. Eduarda.

Os homens são despotas!....

Thomé:

As mulheres garridas!...

[Signature]

D. Eduarda.

Martaes!...

Thomas

Ingratas!

D. Eduarda.

Injicis!

Thomas.

Unica coisa em que se parecem!

D. Eduarda.

Seuhor!... (Momento de silencio, - mudando de tom-) Esta
melhor deus suas palpitacoes seuhor meu
primo?

Thomas

Melhor, muito obrigado!...

D. Eduarda.

Quer, ou nao ouvir-me?

Thomas

Estou ás suas ordens!...

D. Eduarda.

Ora graças a Deus! - Não se senta?

Thomas.

sentou-me - aqui estou.... (sentados longe um do-
outro)

D. Eduarda.

Tinha entao muito que fazer?

Thomas.

Alguuma coisa.... (apalpando-se) A galopos! sem-
pre a galopos!

D. Eduarda.

São ellas?

Thomas

São, minha senhor a, e note que o que tanto
me apormenta, e que naturalmente me
ha de matar, e' do genero feminino!...

D. Eduarda.

Hoje está amavel.... espero contudo que não

estará assim todos os dias!...

Thomé.

Não peço por amavel....

D. Eduarda.

É pena!... eto menos tem o merito de não enganar ninguém!...

Thomé.

(Com intencão) É um merito melhor do que se pensa!... Vamos ao facto.

D. Eduarda.

Bom, mas está lá tão longe!...

Thomé.

Dico bem

D. Eduarda.

Eu é que não posso gritar!...

Thomé.

(Aproxima a cadeira um pouco) etgora?

D. Eduarda.

Agora?... não é de mais... mas enfim... está feito!... Pois meu rico primo saberá... fallo com franqueza, que não sei como hei-de começar!...

Thomé.

(Com ironia) (levantando-se) se quer que lhe dê tempo para recordar, o que tinha a dizer!...

D. Eduarda.

Já não tem palpitacões!...

Thomé.

Estou melhor, obrigado. (à parte, - apalpando-se)

Que suplicio!...

D. Eduarda.

Eu bem vejo que ainda as tem!... Ora sente-se, e sobre tudo não diga inconveniencias!... ou não diga nada... não é muito melhor?

Thomé.

(sentando-se, e arredando maginamente a cadeira à

parte) Esta mulher fascina-me!

D. Eduarda.

Mem. — Seu Thomaz viu uma carta no acafaty de costura de minha Thomaz... sabe de quem era?!

Thomaz.

Não sou curioso.... (à parte) De quem seria?....

D. Eduarda.

Era a carta em que lhe fallei esta manhã....

Thomaz.

(Chegando a cadeira) Aquella que a fez zangar tanto....?

D. Eduarda.

Advinhou.... é mais esperto do que eu pensava....

Thomaz.

E estava entao no acafaty de sua mana?

D. Eduarda.

Continua advinhando....

Thomaz.

(Chegando a cadeira) Agora, o que eu não compre-
hendo....

D. Eduarda.

E' o motivo porque estava ali....

Thomaz.

(Chegando-se) Também advinhou....

D. Eduarda.

Obrigada pelo reparo.... Mas olhe que se chega
de mais....

Thomaz.

E' que não veio bem....

D. Eduarda.

Mas eu posso gritar....

Thomaz.

(Fingindo que arreda a cadeira) Dizia entao....

D. Eduarda.

Que era uma experiencia....

Thomaz.

Uma experiencia!

D. Eduarda.

Não me interrompa.... Minha Irmã tem a desgraça de amar seu marido, que só lhe tem uma affeição de Pai....

Thomé.

(Chegando a cadeira) Desseses-lhe' então....

D. Eduarda.

Era justamente o que ella não queria, porque receiava fazer nascer em seu marido um amor... de compaixão.... preferiu então, ver se elle era ciozo....

Thomé.

Depois?

D. Eduarda.

E' ciozo.... mas quem não é ciozo? - Refletindo bem... isso só não é prova d'amor.... queria eu... ter o seu auxilio....

Thomé.

(Chegando a cadeira) As condições....

D. Eduarda.

Quais condições? então não querem rir? - Eis o que são os homens!... as condições?... é arredar já... já... essa cadeira para aquelles cauto....

Thomé.

(Levanta-se, põe a cadeira no canto designado, e vem encostar-se nas costas da cadeira de Eduarda) Pronto!

D. Eduarda.

Vai em progresso!... bravo!... já não tem patipatões?

Thomé.

Agora mais do que nunca, Eduarda... mas...

D. Eduarda.

(Levantando-se) Basta! - para brincar, basta - temos cada um de nós um Irmão, qualquer d'elles é infeliz, neste momento todo o tempo

perdido é um roubo feito a elles.

Thomé.

Tem razão Eduarda - começarei por lhe dizer que meu irmão adora a Emilia.

D. Eduarda.

Não era então o amor proprio - que o movia?

Thomé.

Não.... affianço-lhe, que não.... qui é preciso fazer?

D. Eduarda.

Alberto não deve tardar - parece-me até, que já o sinto.... eu vou procurar minha irmã, - faço com que ella venha para esta sala....

Thomé.

Depois?

D. Eduarda.

O primo entretém aqui seu irmão, quando viermos escondem-se.... e....

Thomé.

Perco.... (apalpando-se) Palpito.... mas de esperança....

D. Eduarda.

Nou... que não ha tempo a perder.

Thomé.

Nem uma palavra de esperança?

D. Eduarda.

Primeiro os outros, - depois nós. (saindo)

Thomé.

Seja! -

Scena 7^{ta}

Thomé - e logo depois - Alberto.

Thomé.

É um anjo!... Está cho que foi decisivo! É a vida! - (apalpando-se) Bate, bate com força, mas é de prazer! (a Alberto que aparece) Alvo, ras! -

Alberto.

Alvicaras! - que queres dizer?

Thomas.

Quis é um homem feliz, mais feliz do que me-
recias!

Alberto.

Explica-te....

Thomas.

Tua mulher ama-te - é positivo....

Alberto.

Mas essa carta que esconderam... a sua per-
turbacao!...

Thomas.

Uma experiencia.... uma experiencia para
ver se eras cego, e tu que te contives-te!....

Alberto.

Estás zombando.... dizes-me, isso serio?

Thomas.

Era coisa com que se brincasse! - Não, has
de ouvir da propria boca de tua mulher,
que é amado....

Alberto.

Não acredito.

Thomas.

Sceptico! se fora eu.... eu, que me chamo Tho-
mas!

Alberto.

Mas ella sempre tão fria comigo....

Thomas.

Não queria que ~~tu~~ correspondesses ao seu a-
mor por compaixão, queria amor... por a-
mor....

Alberto.

Oh! meu Deus! se é um sonho, que eu não des-
pertar!....

Thomas.

Felizmente é realisação.

Alberto.

E tu? tu não has de ser feliz?

Thomé.

Eu! apenas tenho esperanças....

Alberto.

Já é alguma coisa.... as palpitacões....

Thomé.

(surrindo) Ah!

Alberto.

Desculpa, fui lembrarte a mania!

Thomé.

Já sei o que era.... (apalpando-se) Oha cá as te-
nhos.... mas já me não apustam

Alberto.

Como?

Thomé.

Mate-me forte o coração, meus por Eduarda,
percebes agora?

Alberto.

Ainda bem; palavra, oha que essas manias
fortes também matam.

Thomé.

Esta já não tem perigo.... salvo, - se....

Alberto.

Va jurar que também és amado....

Thomé.

Sim?... mas espera, ellas ahí veem.... por aqui...
d'este gabinete, pudiremos ouvir tudo....

Alberto.

Como o coração me bate!...

Thomé.

Ah! já. (entram no gabinete)

Scena 11^a

D. Eduarda e D. Emilia

D. Emilia.

2
Que teima a tua!

D. Eduarda.

Que mania a tua!

D. Emilia.

Pois não é assim?

D. Eduarda.

Pois não é assim o que? queres ficar toda a vida fechada no teu quarto?

D. Emilia.

Não, mas custa-me ver-o... se soubesses é uma crueza... estou desajando ver Alberto e não me atrevo a encontrá-lo

D. Eduarda.

Dusa-te disso... teu marido ficou furioso... quanto mais melhor no nosso caso, não é verdade?

D. Emilia.

Não é uma prova — a maior parte dos homens são ciúzos por amor proprio, e não por amor de suas mulheres, outro tanto succede agora — e de mais se elle ~~me~~ tivesse amor não m'o tinha declarado, quando me pediu a minha mão?

D. Eduarda.

Quem conhece os seus motivos... Sabes que é um homem delicadissimo...

D. Emilia.

Tem um coração d'aujo.

D. Eduarda.

Não quizes o recusasses

D. Emilia.

Eu recusat-o!

D. Eduarda.

E depois, embora te não ames agora quizes tu?

D. Emilia.

Que tem Eduarda?!

D. Eduarda.

Uma mulher quando quer ser amada por um homem sempre o é....

D. Emilia.

Isso tem excepções....

Scena 19^a

As mesmas - Alberto, e Thomé.

Alberto.

Excepção que felizmente se não dá agora!...

D. Emilia.

Oh! meu Deus!

Alberto.

Ouvir tudo, Emilia! - E peço-te perdão, por que te não compreendi... mas ainda sou mais culpado, porque duvidei da tua lealdade... perdoo Emilia....

D. Emilia.

Se perdô-o

Thomé.

(apalpando-se) Como galopa!

Alberto.

E á minha vida mana tambem devo a-
agradecimentos.

D. Eduarda.

Não fallemos mais nisso.... fizeram a as-
neira.... é remediat-o o melhor que pude-
rem

Thomé.

(apalpando-se) etí... ai... ai... ai...

D. Eduarda.

Muitas palpitacões rico priminho?

Thomé.

Muitas.... priminha! muitas!

Alberto.

Responde Thomé, responde - O que é a vida
sem a mulher? (beijando a mão a D. Emilia)

D. Eduarda.

(estendendo a mão a Thomé que th'a beija com trans-
pôrty) Responde Emilia responde. — O que é
a vida sem o homem?

Thomé

(extasiada) Eduarda!

D. Eduarda.

Amor... com amor se paga!

Fim

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Approved para se representar em qualquer do
Theatros de segunda ordem o Proverbio em um
acto — Amor com amor se paga.

Lisboa 2 de Dezembro
1859.
C. J. Capedemonte.